

Dando Voz ao Material: Sociomaterialidade e suas Possibilidades no Campo de Administração

Rodrigo Assunção Rosa (FGV/EAESP) - rodrigo.assuncao.r@gmail.com

Resumo:

Quando somos instigados a pensar ou imaginar a respeito das coisas “materiais”, muito possivelmente, objetos, artefatos, ferramentas e tecnologias são palavras que nos vem em mente. Ainda que tais elementos estejam sempre presentes em nossa sociedade, muito pouco se sabe, em termos científicos, sobre o entrelaçamento entre o material e o social, bem como seus encadeamentos e consequências, principalmente para as organizações.

Nesse sentido, embora em proeminente ascensão no campo de Estudos Organizacionais (EOR), de Administração da Informação (ADI) e de Estratégia em Organizações (ESO) em publicações científicas internacionais, as discussões sobre a sociomaterialidade no Brasil ainda parecem carecer de um debate aprofundado. Ao se pesquisar o termo “sociomaterialidade” no Google Scholar em junho de 2016, foram encontrados apenas 34 resultados, frutos de um número ínfimo de publicações em dissertações, teses e alguns artigos em congressos e revistas. Neste ensaio teórico de caráter mais introdutório que conclusivo, proponho fomentar o debate com a comunidade de estudos organizacionais acerca da perspectiva da sociomaterialidade nas organizações, a partir de alguns estudos científicos já realizados. Como podemos dar voz aos objetos, artefatos, ferramentas e tecnologias presentes no cotidiano organizacional? Essa parece ser uma pergunta interessante como ponto de partida para a discussão.

Palavras-chave: *sociomaterialidade; sociomaterial; materialidade; estudos organizacionais.*

Área temática: *GT-15 Teorias da Prática e Diferentes Formas de Organizar: Aspectos Teóricos, Metodológicos e Empíricos*

DANDO VOZ AO MATERIAL: SOCIOMATERIALIDADE E SUAS POSSIBILIDADES NO CAMPO DE ADMINISTRAÇÃO

Rodrigo Assunção Rosa (Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de São Paulo)
e-mail: rodrigo.assuncao.r@gmail.com

Palavras-Chave: sociomaterialidade; sociomaterial; materialidade; estudos organizacionais.

Quando somos instigados a pensar ou imaginar a respeito das coisas “materiais”, muito possivelmente, objetos, artefatos, ferramentas e tecnologias são palavras que nos vem em mente. Ainda que tais elementos estejam sempre presentes em nossa sociedade, muito pouco se sabe, em termos científicos, sobre o entrelaçamento entre o material e o social, bem como seus encadeamentos e consequências, principalmente para as organizações.

Nesse sentido, embora em proeminente ascensão no campo de Estudos Organizacionais (EOR), de Administração da Informação (ADI) e de Estratégia em Organizações (ESO) em publicações científicas internacionais, as discussões sobre a sociomaterialidade no Brasil ainda parecem carecer de um debate aprofundado. Ao se pesquisar o termo “sociomaterialidade” no *Google Scholar* em junho de 2016, foram encontrados apenas 34 resultados, frutos de um número ínfimo de publicações em dissertações, teses e alguns artigos em congressos e revistas. Neste ensaio teórico de caráter mais introdutório que conclusivo, proponho fomentar o debate com a comunidade de estudos organizacionais acerca da perspectiva da sociomaterialidade nas organizações, a partir de alguns estudos científicos já realizados. Como podemos dar voz aos objetos, artefatos, ferramentas e tecnologias presentes no cotidiano organizacional? Essa parece ser uma pergunta interessante como ponto de partida para a discussão.

Por muito tempo, o campo de estudos organizacionais negligenciou os espaços e as formas materiais do processo de organizar (Orlikowski, 2007). Esse assunto também tem sido pouco explorado nas pesquisas de estratégia empresarial (Jarzabkowski, Spee, & Smets, 2013). Entretanto, nos últimos anos, pesquisadores e acadêmicos ao redor do mundo vem demonstrando crescente interesse sobre o tema da materialidade (Dameron, Lê, & LeBaron, 2015; Whittington, 1996).

A chamada “virada material” tem ocorrido em distintos momentos de diferentes campos do saber, onde podem-se destacar a sociologia, a economia e a administração de empresas. Essa virada, caracteriza-se pela incorporação e o refinamento de estudos que evidenciam a relevância das dimensões materiais das atividades e interações humanas (Barad, 2003; Orlikowski, 2007; Pinch, & Swedberg, 2008). “Como a teoria social pode sistematicamente levar em consideração a materialidade?”, essa é uma das perguntas centrais feita por estudiosos que se debruçam sobre o tema (Schatzki, 2010, p.123).

Objetos, tecnologias e artefatos materiais não passam mais a assumir um papel secundário ou inexistente na análise da sociedade ou da realidade organizacional, mas são entendidos como resultantes e partes integrantes de processos sociais, intimamente conectados aos contextos sociais em que são desenvolvidos, utilizados e modificados (Leonardi & Barley, 2008). Portanto, da íntima relação entre o que é “social” e “material”, as práticas sociais podem também ser compreendidas como práticas “sociomateriais” (Orlikowski, 2007).

O pensamento social por muitas décadas tratou como se a materialidade não importasse. De acordo com Schatzki (2010), teóricos funcionalistas, marxistas, interacionistas simbólicos, etnometodologistas, fenomenologistas, realistas críticos e da

prática social, ignoraram o fato de que a materialidade constitui parte da sociedade e deve ser tratada como um componente do fenômeno social. Em sua ontologia das práticas sociais, Schatzki (2010) entende que a análise social deve sempre partir dentro de um contexto espacial e temporal, composto por um emaranhado de práticas (atividades humanas organizadas e carregadas de entendimentos, regras e estruturas teleofetivas) e arranjos materiais (humanos, artefatos, organismos, coisas da natureza).

Para além da interação social, os arranjos materiais possuem capacidade de agência, possibilitando estender ou delimitar certas atividades e comportamentos inscritos em determinado meio. Não são apenas coisas que se apresentam de forma “objetiva” às pessoas, mas são carregados de significados e estão sempre relacionados aos entendimentos, regras e práticas de um determinado meio (Santos & Alcadipani, 2015; Schatzki, 2010).

Podemos imaginar por exemplo, as calçadas, ruas, sinaleiras e faixas de pedestre de um determinado município. São objetos desenvolvidos e incorporados em certos espaços para organizar nossa vida diária enquanto sociedade. A partir de entendimentos e regras transferidas por meio da escola, da família, de convivência, cursos, adquirem identidade e relacionam-se com as diversas práticas imersas no nosso cotidiano, como a de dirigir um carro, um ônibus, a de caminhar até o trabalho, faculdade e etc.. Por mais óbvios ou triviais que pareçam ser, são elementos importantes para se compreender a ação social, não apenas pelas suas propriedades, mas por causa de suas relações construídas com outros objetos, pessoas e práticas (Santos & Alcadipani, 2015; Schatzki, 2010). Portanto, para Santos e Alcadipani (2015, p.90),

[...] uma organização não se resume ao “social”, ou seja, às pessoas e suas ações, relações e interações, mas vai além dele. É constituída por um conjunto de arranjos materialmente heterogêneos que incluem pessoas, mesas, cadeiras, computadores, documentos, textos, salas, sistemas de informação e comunicação etc. (Law, 2002). Portanto, assim como as atividades humanas mentais e corporais, indispensáveis são também os objetos – o desenrolar de uma prática envolve, quase sempre, a “agência” de um conjunto particular de objeto/instrumento (Schatzki, 2002).

Para diferenciar as nuances do assunto nas pesquisas, Lê e Spee (2015) propõem tipologias relacionadas as possibilidades de se conceber os estudos a respeito da materialidade, podendo ser divididas em quatro principais tipos: a abordagem comunicativa, a abordagem tecnológica, a abordagem da criação de sentido (*sensemaking*) e a abordagem positivista. Na tabela 1 são descritas as principais contribuições dessas abordagens em termos de base teóricas utilizadas, grau de materialidade, nível de análise, implicações para as práticas sociais, e os estudos empíricos realizados.

Tabela 1. Principais abordagens nos estudos sobre materialidade e suas características

Abordagem	Abordagem Comunicativa	Abordagem Tecnológica	Abordagem <i>Sensemaking</i>	Abordagem Positivista
Bases Teóricas	Teoria dos Atos de Fala; Linguagem-em-uso; Teoria do Ator-Rede	Performatividade dos Objetos; Teoria do Ator-Rede	Teoria da Prática Social; Baseada na Cognição	Economia; Psicologia; Teoria Comportamental
Grau de materialidade	Agência textual - A materialidade influencia e é influenciada por Interações	Interação de Humanos e Não-humanos; Cognição Distribuída	Conhecimento incorporado no material	Físico, Material, Objetivo

Nível de Análise	Discurso situado em Ação	Performatividade dos Artefatos e Praticantes; Emaranhamento além da comunicação	Interação individual com materiais; Foco cognitivo; entre grupos	Individual ou grupal (relações de causa e efeito)
Implicações para a EPS	Teóricas: Análise do discurso através da comunicação Empírica: Ênfase no contexto e no detalhe; comunicação baseada em micro etnografia	Teóricas: Relacionalidade, Agenciamento e Emaranhamento Empírica: centra-se na performatividade e realização do plano estratégico ou de ferramentas estratégicas, tais como a matriz BCG	Teóricas: uso de ferramentas; conhecimento inscrito em ferramentas; outros objetos Empíricas: dinâmicas em grupo; Etnografia	Teóricas: impacto das ferramentas, causa e efeito; Empíricas: quasi experimento
Exemplo de Estudos realizados	Cooren (2004); Schoeneborn (2013); Seidl (2007); Spee & Jarzabkowski (2011)	Leonardi (2011); Orlikowski and Scot (2013); D'Adderio (2008); Whittle & Mueller (2012); Kaplan (2008); Clegg & Kornberger (2011)	Stigliani & Ravasi (2012) Bechky (2003) Jacobs & Heracleous (2008)	Jarzabkowski, Giullietti, Olivera, Amoo (2012) Wright, Paroutis, Blettner (2013)

Fonte: adaptado a partir de Lê e Spee (2015)

A abordagem comunicativa reconhece a organização como uma realização contínua, constituída por meio de conversas e narrativas, sendo a dimensão material representada pelas distinções do que é verbal, não-verbal e de textos escritos, e também nos objetos, locais físicos e corpos. A comunidade acadêmica de estratégia como prática tem cada vez mais reconhecido como relevante o papel da comunicação no fazer estratégico organizacional (Lê & Spee, 2015).

A abordagem tecnológica surge da necessidade de se explicar os usos das tecnologias, e não apenas em termos de suas propriedades e características, dividindo-se em duas principais vertentes: estudos de ciência e tecnologia e sociomaterialidade. Os estudos de ciência e tecnologia incorporam elementos humanos e não-humanos como intrínsecos de ações e processos cognitivos, enquanto a perspectiva sociomaterial afirma que são separados, mas que existe um entrelaçamento ou imbricação entre seres humanos e tecnologia (Lê & Spee, 2015).

A abordagem de criação de sentido (*sensemaking*) oferece uma visão alternativa de como as questões materiais podem influenciar os processos de *sensemaking* e *sensegiving* organizacional. Principalmente em ambientes de ambiguidades e contradições, esses processos ocorrem por meio da interação entre grupos ou individual em torno de artefatos materiais, trazendo uma sucessão de possibilidades e resultados organizacionais (Lê & Spee, 2015).

A abordagem positivista deriva de uma série de disciplinas da psicologia e da área de marketing e caracteriza-se pela verificação de causa e efeito ou correlações entre os estímulos físicos e ambientais nas condições cognitivas e comportamentais dos indivíduos, em que são utilizados métodos experimentais, simulações e estudos de campo, e até mesmo técnicas neurocientíficas para analisar os processos cerebrais dessas influências (Lê & Spee, 2015).

Lê & Spee (2015) salientam que todas essas abordagens não são excludentes, entretanto possuem interesses e níveis de análises distintos, no qual devem ser levados em consideração ao se investigar os aspectos materiais. Tais diferenciações possibilitam visualizar que a análise da materialidade nas organizações pode ocorrer de múltiplas maneiras, dependendo perspectiva epistemológica adotada.

DESAFIOS E FUTURAS TENDÊNCIAS DO TEMA

Como foi possível demonstrar neste resumo expandido, o estudo da materialidade vem ganhando proeminente atenção principalmente entre os acadêmicos da área de estudos organizacionais, administração da informação e estratégia organizacional. Essa perspectiva vem trazendo novos desafios por meio de novos olhadores e métodos a respeito dos fenômenos organizacionais, possibilitando novas implicações às pesquisas sobre as organizações em geral.

Um dos desafios levantados por Dameron, Lê e LeBaron (2015) é o aspecto multimodal do entrelaçamento da materialidade com outros fenômenos organizacionais. Muitas vezes os pesquisadores ao focalizarem apenas em uma determinada forma de comportamento (ex: discurso), ignoram as outras especificidades contidas no fazer organizacional. Nesse sentido, levar em conta as expressões corporais, textos, imagens, e as formas auditivas e visuais expressas no *organizing* revelam-se cada vez mais importantes durante a realização da pesquisa (Dameron, Lê, & LeBaron, 2015).

Novas oportunidades metodológicas também são requisitadas, como as técnicas de análise visuais, por meio de fotografias, vídeos, proporcionando ampliar espacialmente e temporalmente a disposição dos corpos, objetos, ferramentas, tecnologias, atividades estratégias e práticas do fazer organizacional (Dameron, Lê, & LeBaron, 2015; Meyer, Höllerer, Jancsary, & Van Leeuwen, 2013).

O fato dos objetos, tecnologias e artefatos materiais serem elementos cada vez mais presentes na constituição de nossa sociedade permite que sejam investigados sob uma diversidade de enfoques, como visto nas diferentes abordagens possíveis. Desse modo, Dameron, Lê e LeBaron (2015) salientam sobre a possibilidade de contribuição em diversos temas, como o da temporalidade e espacialidade organizacional, identidade, emoções, resistência, políticas, além das questões institucionais que ligam o macro ao micro contexto de análise (Dameron, Lê, & LeBaron, 2015; Seidl & Whittington, 2014).

REFERÊNCIAS

- Barad, K. (2003). Posthumanist performativity: Toward an understanding of how matter comes to matter. *Signs* 28(3), 801–831.
- Dameron, S., Lê, J. K., & LeBaron, C. (2015). Materializing strategy and strategizing material: Why matter matters. *British Journal of Management*, 26(1), 1-12.
- Heidegger, M. (2001). *Serenidade*. Rio de Janeiro: Instituto Piaget.
- Lê J. K., & Spee, A. P. (2015). The material turn in organization studies and strategy-as-practice. In Golsorkhi, D., Rouleau, L., Seidl, D. & Vaara, E. (Orgs.). *Cambridge Handbook of Strategy as Practice*. Cambridge University Press, Cambridge: United Kingdom.
- Jarzabkowski, P., Spee, A. P., & Smets, M. (2013). Material artifacts: Practices for doing strategy with ‘stuff’. *European management journal*, 31(1), 41-54.
- Jarzabkowski, P., & Kaplan, S. (2015). Strategy tools-in-use: A framework for understanding “technologies of rationality” in practice. *Strategic Management Journal*, 36(4), 537-558.
- Kaplan, S. (2011). Strategy and PowerPoint: An inquiry into the epistemic culture and machinery of strategy making. *Organization Science*, 22(2), 320-346.

- Leonardi, P. M., & Barley, S. R. (2008). Materiality and change: Challenges to building better theory about technology and organizing. *Information and Organization*, 18(3), 159-176. Chicago
- Meyer, R. E., Höllerer, M. A., Jancsary, D., & Van Leeuwen, T. (2013). The visual dimension in organizing, organization, and organization research: Core ideas, current developments, and promising avenues. *The Academy of Management Annals*, 7(1), 489-555.
- Pinch, T., & Swedberg, R. (2008). Introduction. In T. Pinch and R. Swedberg (Eds.), *Living in a material world* (pp. 1-26). Cambridge, MA: MIT Press.
- Santos, L. L., & Alcadipani, R. (2015). Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *Organizações & Sociedade*, 22(72), 79-98.
- Schatzki, T. (2010). Materiality and social life. *Nature and Culture*, 5(2), 123-149.
- Seidl, D., & Whittington, R. (2014). Enlarging the strategy-as-practice research agenda: towards taller and flatter ontologies. *Organization studies*, 35(10), 1407-1421.
- Orlikowski, W. J. (2007). Sociomaterial Practices: Exploring Technology at Work. *Organization Studies*, 28(9), 1435-1448.
- Robichaud, D., & Cooren, F. (Eds.). (2013). *Organization and organizing: Materiality, agency and discourse*. Routledge.
- Whittington, R. (1996). *Strategy as practice*. *Long range planning*, 29(5), 731-735.